

SACI NO MEIO DA MATA, DA RUA, DO REDEMOINHO: MONTEIRO LOBATO, A EXPRESSÃO DE REGIONALISMOS E O PROJETO DE NAÇÃO NA OBRA *O SACI*

Prof. Me. Luciane Maria Wagner Raupp - FACCAT¹

RESUMO

A obra *O Saci*, de Monteiro Lobato, é fruto de uma obra anterior, destinada ao público adulto intitulada *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*. Por meio das expressões regionais do Sudeste do país encontradas nas duas obras, revela-se o projeto de nação de Lobato. Os conceitos de regionalismo, nacionalismo e globalismo imbricam-se, sendo a expressão de elementos regionais uma forma de resistência contra as formas de globalização e de apagamento de traços identitários nacionais.

PALAVRAS-CHAVE

Monteiro Lobato. *O Saci*. Expressões regionais. Folclore. Nação.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: ORIGENS DA OBRA “O SACI”

O Saci, cuja primeira publicação se deu em 1921, foi a segunda obra destinada ao público infantil de autoria de Monteiro Lobato. Surgiu a partir do reaproveitamento de um vasto material de pesquisa empreendida em 1917², publicada, no ano seguinte, sob o título de *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*.

Nesse “inquérito”, que resultou na obra infanto-juvenil à qual pretendemos nos deter, Lobato procedeu a uma pesquisa de campo cuja proposta foi lançada em janeiro de 1917, no *Estadinho*, sob o título de *Mitologia brasílica*. Segundo Márcia Camargos, em prefácio à edição de 2008 de *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*, a partir dessa coleta de dados, recebendo, por meio de cartas oriundas dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, relatos sobre a figura mítica do Saci, Lobato “[...] revitalizava a cultura popular, trazendo para o centro dos debates a questão do desenraizamento que afetava boa parte de nossa intelectualidade” (CAMARGOS *apud* LOBATO, 2008, p. 15). Devido à visibilidade que a figura do Saci angariou, uma vez que a ele se direcionaram os holofotes da exposição em jornal, também os olhares se voltaram à zona rural, de onde vinham os relatos, valorizando esse meio e a cultura que dele emana. Tal valorização faz com que a figura do Saci ganhe contornos de “símbolo de resistência”³.

No entanto, de acordo com Lobato (2008), nem todos os leitores receberam bem tal projeto de pesquisa. Houve quem se indignasse com o fato de “[...] um jornal sério daqueles gastar sua tinta e uma coluna de papel com tão grosseira superstição popular, dessas que depõem contra nossos créditos de civilizados perante as nações estrangeiras” (LOBATO, 2008, p. 35, grifos do autor). Mas também havia a contrapartida: aqueles que gostaram de ver “[...]relembra em letra de forma uma credence que

1 Luciane Maria Wagner Raupp. Doutoranda em Teoria da Literatura – PUCRS. Professora nas Faculdades Integradas de Taquara – RS. Lucianeraupp@gmail.com

2 Essa pesquisa foi publicada em edições vespertinas do jornal *O Estado de S. Paulo*.

3 Um símbolo de resistência” é o título do capítulo introdutório agregado à edição de 2008 da obra em questão.

lhe inflorara os anos pueris” (*idem, loc. cit.*). O mesmo aconteceu entre os jornalistas, entre os quais nasceu a ideia do “inquerito”.

Em vista da releitura do “inquerito” efetuada para o público infantil e juvenil em *O Saci*, segundo Camargo (2009, p. 86), “[...] a obra parece ter sido projetada para difundir, agora entre o público infantil, aspectos de nossa cultura popular, tematizando sobretudo o folclore e, mais especificamente, a figura do Saci”. Essas temáticas, somadas à busca de raízes e, por isso, à representação do espaço rural e da utilização de elementos da fauna e da flora locais, engajam o escritor no contexto de escritores que, no começo do século XX, tinham, nas palavras de Bosi (1993), intenções regionalistas. O teórico, no entanto, reconhece que o papel que o escritor exerceu no âmbito da cultura nacional transcende os limites dessa classificação, devido à militância no sentido de promover o progresso social e mental do Brasil.

3 “O SACI” E A EXPRESSÃO DE REGIONALISMOS

3.1 Considerações sobre as expressões regionais

Essas “intenções regionalistas” aludidas por Bosi são frequentemente classificadas como parte de um projeto pré-modernista, segundo o qual, a grosso modo, autores, nas duas primeiras décadas do século XX, voltavam seu olhar para uma determinada região do Brasil e um tipo humano marginalizado, que eram representados nas obras a fim de promover denúncia de problemas sociais. Entre os autores que os manuais de Literatura citam como parte desse grupo, temos, como exemplos, além de Monteiro Lobato, Lima Barreto, Graça Aranha e Euclides da Cunha. No entanto, Bosi (1993) reconhece que o uso da expressão “pré-modernista” pode ser equivocada, devendo situar a questão do regionalismo no interior das dinâmicas do Modernismo. O que se deve, segundo ele, é entender que alguns dos escritores ditos regionalistas “[...] precederam, em contexto diferente, vivo interesse dos modernos pela realidade brasileira total, não apenas urbana.” (BOSI, 1993, p. 233).

A expressão de regionalismos, no entanto, não se configura de forma tão simples. Como afirma Chiappini (1997), o que se considera regionalismo envolve, em uma primeira análise, peculiaridades, costumes, credences, superstições e modismos vinculados a uma região, especialmente no que tange ao espaço rural, em constante tensão com o espaço urbano. Além desse par tensionado, outros pares constituintes do regionalismo seriam os conceitos de nação e região, oralidade e escrita, visão nostálgica do passado e a denúncia das misérias do presente retratado. Mas não se trata apenas disso. Há que se considerar, conforme a autora, que as representações dessas características evoluem, atravessam e são atravessadas pela história. Hoje, essas questões regionais vinculam-se à reação à homogeneidade cultural promovida pelos processos de globalização e desterritorialização, às questões ecológicas pungentes e às dificuldades de vida e de trabalho no contexto econômico neoliberal. Dessas inquietações, resultam discussões acerca da identidade, da ecologia, do conceito de nação.

Para que esse projeto seja levado a contento, ainda de acordo com Chiappini, não poderia existir a visão ingênua de se empreender a mera cópia ou registro fotográfico da região, uma vez que, em se tratando de ficção, as obras são portadoras de uma representação simbólica de uma região geográfica existente. Portanto, deveria privilegiar os espaços vividos, sentidos, internalizando a região à ficção por meio da subjetividade. Segundo a autora, dessa forma, aproximando o leitor urbano das temáticas rurais e regionais de forma a suprimir as assimetrias existentes entre eles, poder-se-ia caminhar para um processo de humanização dos leitores, tornando “[...] verossímil a fala do outro de classe e de cultura para o público citadino e preconceituoso, que, somente por meio da arte, poderá

entender o diferente como eminentemente outro e, ao mesmo tempo, respeitá-lo como um mesmo: ‘homem humano’” (CHIAPPINI, 1997, p. 135).

Além desse processo humanizante aludido por Chiappini, o regionalismo também teria outras funções. Segundo Carvalhal (1997, p. 35), as múltiplas expressões de regionalismos brasileiros revelam “[...] a permanência de um processo de busca de identidade nacional que aflora, de maneira recorrente, em momentos substantivos do percurso literário”. Essa busca de identidade torna-se mais complexa na medida em que o país mostra-se extremamente poroso às influências externas, levando ao conflito entre o que é próprio e o que é alheio na cultura brasileira. Acerca desse conflito, a autora vai além, afirmando que ele “[...] reside ainda na forma como a identidade, quando definida, se legitima e se institucionaliza como própria” (*idem*, p. 37). Essa legitimação passa, necessariamente, pela forma como é representada, nas suas peculiaridades, a fim de que os demais a reconheçam como distinta. Como afirma a autora:

[...] pode-se dizer que a noção de região, considerada em seu processo de constituição e de acentuação das peculiaridades locais, aproxima-se à de nação, pois que adota idênticos procedimentos de construção e de afirmação. O regionalismo aparece na ficção, sublinhando as particularidades locais e **mostrando as várias maneiras possíveis de ser Brasileiro.** (CARVALHAL, 1997, p. 42, grifo nosso).

Essas “maneiras possíveis de ser brasileiro”, nas palavras de Carvalhal, mostram que a expressão de regionalismos formaria um amplo mosaico que refletiria a diversidade promovida pelo processo de colonização do Brasil, que se deu em núcleos separados, “[...] em ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas, caracterizadas cada uma pelo seu *genius loci particular*” (CANDIDO, 1981, p. 295). Dessa forma, a região, além de ser representada, na literatura, como um quadro geográfico e natural, também representaria os aspectos históricos e sociais próprios daquele local. Por isso, supera o regionalismo pitoresco por meio do componente humano, aos moldes do que, segundo Candido (*apud*újo, 2008, p. 127), fizeram os romancistas de 30, que “[...] buscavam, com a humanidade singular dos protagonistas das suas narrativas, ‘[...] construir uma literatura universalmente válida [...] por meio de uma intransigente fidelidade ao local’”. Assim, pela força das personagens, pelos dramas profundamente humanos vividos, as obras conquistam uma dimensão universal. No Modernismo, o cenário, a linguagem, os costumes e demais aspectos culturais que antes eram mostrados como pitorescos, ainda são mostrados, mas não como pitorescos, promovendo um salto qualitativo.

3.2 *O Saci* e as expressões de regionalismos

Na obra *O Saci*, o espaço que serve de ponto de partida para as ações é o mesmo de toda a obra infantil de Monteiro Lobato: o Sítio do Picapau Amarelo. Nesse espaço e nas ações dos personagens, podem ser observados vários traços de regionalismos apontados pelos teóricos: os conflitos entre a cidade e o campo, entre a cultura formal e a popular, além de costumes, crendices, superstições próprios do local e da época em que se desenrolam as ações.

A obra inicia em tom descritivista, situando o ambiente do sítio: “A casa era das antigas, de cômodos espaçosos e frescos” (LOBATO, 1994, p. 7). Faz menções ao mobiliário da casa e às plantas usadas para o ajardinamento, as quais, pela especificidade de suas zonas de ocorrência, ancoram o texto no espaço rural da região Sudeste. Tudo isso com tom de saudosismo, de valorização do passado, como é possível perceber no trecho: “[...] tudo colocado sobre os ‘pertences’ de miçangas feitos por Narizinho. Hoje ninguém mais sabe o que é isso. Pertences eram uma rodela de crochê que havia em

todas as casas, para botar bibelôs em cima.” (idem, p. 8). Sobre o mobiliário, são citados sofás, mesas e cadeiras de cabiúna⁴ e de palhinha. Quanto ao paisagismo, citam-se, com saudosismo, elementos da flora local, descrevendo que “O jardim ficava nos fundos da sala de jantar, um verdadeiro amor de jardim, só de plantas antigas e fora da moda. Flores do tempo da mocidade de Dona Benta: [...]” (idem, loc.cit.). Quanto ao pomar, além de serem citadas espécies de ocorrência regional, afirma-se que os vizinhos caçoavam, dizendo que “O pomar de Dona Benta está tão velho que qualquer dia se põe a caducar” (idem, p.9). Além disso, na mesma página, afirma-se: “[...] árvore quanto mais velha melhor para a beleza e a frescura da sombra”. Algumas árvores do pomar tinham, inclusive, donos, mostrando uma relação direta dos moradores do sítio com esse espaço. Dona Benta, por seu turno, não deixava que se cortassem as árvores, pois “[...] cada uma delas lembrava qualquer coisa de sua meninice ou de sua mocidade”. Nota-se, assim, não só a valorização da flora local, mas o seu uso à “moda antiga” – mais um traço de saudosismo, de valorização e, por isso, de resgate do passado.

Também a fauna local é retratada: na mesma página em que se descreve o pomar, fala-se dos passarinhos que o habitavam. Também se enaltece a construção dos joões-de-barro, o canto dos sabiás (ensinado de “pai para filho, sem mudar nada”) e critica-se a perseguição aos pássaros. Percebe-se, assim, que são estabelecidas ligações entre os hábitos dos pássaros com o que os seres humanos deveriam fazer. Assim como os pássaros transmitem os ensinamentos de canto de geração em geração, os humanos também deveriam transmitir seus conhecimentos atávicos aos seus descendentes. Mais uma vez, o ambiente natural serve como pretexto para a argumentação em prol do resgate de tradições.

Prossegue-se a descrição do sítio falando do terreiro, onde ficava o mastro de São João, festejo local, a cerca de paus-a-pique, o cupim e a estrada que dali se avistava. Menciona-se o Capoeirão dos Tucanos, “[...] verdadeira mata virgem onde até onça, macucos e jacus havia”. O uso do adjetivo “verdadeira” e do advérbio “até” apontam, novamente, para a valorização do passado, no qual a flora e a fauna eram mais preservadas. Também é citado o ribeirão que passava pela casa do tio Barnabé. Nominam-se os peixes ali encontrados e o hábito de Tia Nastácia mariscar camarõezinhos de água doce para fritá-los, “bem pururucas e vermelhos”, aos domingos.

Essas alusões ao espaço da casa, à flora, à fauna e à culinária remetem ao que, mais tarde, em 1926, Gilberto Freyre postula em seu “Manifesto regionalista”. Nesse texto, Freyre defende os valores históricos, apontando para a necessidade de salvaguardar a paisagem rural, os costumes e o folclore. Cita a importância de “Levantar-se contra o loteamento de sítios velhos alegando que as cidades precisam de árvores, de hortas, de mato tanto quanto de casa e ruas” (FREYRE, 1976, p. 62). Também menciona a importância da arte popular (inclusive da palha e das rendas mencionadas na obra em questão) e das comidas típicas preparadas pelas “negras de tabuleiro” (veja-se tia Nastácia, que não era de tabuleiro, mas famosa por seus quitutes). Postula ainda sobre a preservação das árvores velhas, que são como pessoas da família – crença da qual a personagem Dona Benta parece compartilhar, visto que conserva, como já citado, o seu velho pomar. Freyre fala de Pernambuco, mas afirma que tal método deveria se aplicar às demais regiões, pois acredita que “O conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil” (FREYRE, 1976, p. 56). Afirma que o Brasil tem sido vitimado pelas estrangeirices, sem respeitar as particularidades e as desigualdades físicas e sociais. As fontes ou raízes do Brasil, portanto, deveriam ser resgatadas, como forma de resistência – e é nesse intuito que Lobato e Freyre se aproximam. Lobato faz, anos antes, o que Freyre sugere ao fim de seu citado Manifesto: canta a sua terra.

Embora a alusão ao passado possa resultar em um discurso deformado pela idealização e pelo

⁴ Madeira-de-lei, também designada como “jacarandá preto”, árvore natural do Brasil, cuja principal ocorrência se dá na região Sudeste e na Centro-Oeste, estendendo-se ao Paraná.

embelezamento, não é o que acontece, de todo, em *O Saci*. Além de a narrativa seguir interessante até os dias de hoje, o que não aconteceria caso fosse produto de uma deformação, é dado, como indica Candido (1981, p. 303), “[...] certo toque de ficção à realidade sentida e compreendida à luz de um propósito ideológico”, representando “[...] ‘o homem junto das coisas’, definição da arte por Bacon” (idem, *loc. cit.*). Ainda se pode pontuar que os episódios narrados em *O Saci* despertam o interesse pela dinamicidade e atravessam o tempo por trazerem, em seu bojo, algo imaterial e perene: o gosto pela aventura, pelo mistério e pelo enfrentamento dos medos, algo que fala especialmente às crianças e aos jovens, público destinatário da obra. Além disso, tudo isso é feito longe de uma postura adultocêntrica.

Outro elemento que caracteriza a expressão regional é o conflito entre o urbano – na obra, representado por Pedrinho – e a cultura rural. Pedrinho, ao visitar o sítio de sua avó, mergulha no universo rural, perscrutando-o, explorando suas possibilidades. Representa o que o próprio Lobato teorizou em *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, como revela o excerto abaixo:

É-lhes forçoso afundar na roça para consulta verbal ao livro não escrito da cultura popular. [...] Só no convívio do sertanejo, valente de dia e medroso de noite, ao som da viola num rancho de tropeiros, vendo bruxulear a fogueirinha e, fora, na imprimadura da escuridão, lucilar o vagalume vagabundo, é que um artista poderá ‘ouvir’ e ‘entender’ Sacis. (LOBATO, 2008, p. 32- 33)

Pedrinho procede como esse artista idealizado por Lobato. De férias no sítio, andava com “a cabeça cheia de Sacis”. Percebe seu medo e que “Nesse ponto não havia nenhuma diferença entre ele, que era da cidade, e os demais meninos nascidos e criados na roça” (LOBATO, 1994, p. 12). O menino consulta tia Nastácia sobre a questão. As palavras de Nastácia expressam a consciência das diferenças, em termos de crenças, entre os moradores da cidade e do campo, entre brancos e negros. Essa consciência aparece claramente no trecho: “- Pois Saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há – mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto Saci”. (idem, p. 12) Tia Nastácia, então, orienta que Pedrinho procure tio Barnabé, pois “Negro sabido está ali” (idem, *loc. cit.*). Ao consultar tio Barnabé e creditar-lhe sabedoria, Pedrinho atua como elemento de aproximação não só entre o urbano e o rural, mas também entre culturas e etnias. Além disso, por ser Pedrinho uma criança e Tio Barnabé “um negro de mais de oitenta anos” (idem, p. 13), também representa a união de gerações e, por que não dizer, do passado e do presente.

Essa confluência de espaço, tempo e etnias também é aludida por teóricos que abordam o regionalismo. Freyre (1976), no seu já citado “Manifesto regionalista”, alude à necessidade de equilíbrio das tradições indígenas e africanas com as europeias, sendo a brasilidade a fusão das três culturas. Afirmação similar faz Lobato na conclusão de *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*. O autor discorda da ideia de que a colaboração dos descendentes de europeus tenha sido nula para a existência da crença no Saci, afirmando que não se pode creditá-la somente aos africanos e aos indígenas. Ao contrário: seria a confluência das características das três raças o substrato para a afloração de tal mitologia. Segundo Lobato, “Essas raças, com o fetichismo e naturalismo animista característicos de sua mentalidade, forneceram como que o elemento, a atmosfera, o meio moral onde podiam vingar semelhantes credences” (LOBATO, 2008, p. 363).

Na consulta ao Tio Barnabé, Pedrinho tem uma aula sobre Sacis: suas atividades, suas maldadezinhas, suas características físicas. É como se a voz do personagem, que representa, como idoso, um sábio, resumisse os dados do “inquérito” empreendido três anos antes da enunciação da obra. Tio Barnabé condensa e fixa as características do mitológico ser levantadas nos diferentes relatos, oriundos dos estados da região Sudeste. Seguindo as orientações de seu “mestre”, Pedrinho caça um

Saci. Com a garrafa em punho, parte para a mata virgem, não levando consigo sequer seu bodoque. Apesar de não enxergar o Saci, que, conforme tio Barnabé, só seria visto em estado de “modorra”, confia nos poderes. Como enuncia o personagem, “Para que bodoque, se levo o Saci na garrafa e ele é uma arma melhor do que quanto canhão e metralhadora⁵ que existe?”. (LOBATO, 1994, p. 17). Nota-se, no excerto, uma certa idealização do Saci e, por extensão, do meio de onde provém, suplantando “canhões e metralhadoras”, que representariam a tecnologia e, por isso, o espaço do urbano e do “civilizado”.

No meio da mata, Saci e Pedrinho fazem um acordo. Como estavam no coração da mata, o lugar mais perigoso, morada não só dos Sacis, mas de lobisomens, bruxas, caiporas e mula-sem-cabeça, o menino precisaria de ajuda, que o Saci lhe daria em troca da restituição da carapuça. O trato é cumprido. Pedrinho, então, pelas mãos do Saci, é levado floresta e trevas adentro, iluminado pela sua curiosidade. Encontram-se com onça, sucuri, insetos estranhos. O Saci lembra a Pedrinho: “Inda é muito cedo para você ‘ler’ a mata. Isto é livro que só nós, que aqui nascemos e vivemos toda vida, somos capazes de interpretar. Um menino da cidade, como você, entende tanto da natureza como eu entendo de grego” (LOBATO, 1994, p. 22). Este é um dos pontos em que se mostra claramente a tensão entre a cultura popular e a letrada, entre o saber prático e o teórico. Mais adiante, o Saci também questiona o saber advindo dos livros e da educação formal, mostrando que animais têm saberes atávicos que os seres humanos não possuem. Tal exposição serve de contra-argumento à afirmação de Pedrinho, que afirma que os seres humanos são a glória da natureza. O Saci diz que bastariam as guerras para classificar os homens como os seres mais estúpidos que existem.

Outros elementos do folclore também aparecem na noite escura ou têm sua lenda narrada pelo Saci: Curupira, Boitatá, Iara, Negrinho do Pastoreio, Lobisomem, Mula-sem-cabeça e a terrível Cuca. É citada uma variação regional da canção de ninar em que aparece a figura da Cuca, que Pedrinho trazia na memória. O menino também precisou da ajuda do Saci para salvar sua prima Narizinho do encantamento que a Cuca lançou a ela, transformando-a em uma pedra. O Saci, lembrando de uma história que, às escondidas, ouvira Dona Benta contar e sabendo de que a Cuca estaria adormecida, amarrou a malvada e aplicou-lhe a tortura do pingo d’água na testa. Inicialmente, a bruxa consegue enganar os dois, mas, espertos, percebem a estratégia. Ela lhes conta o antídoto para o feitiço e tudo volta à paz no sítio. Vê-se, então, que, para resolver o problema mais grave que aparece da narrativa, o Saci valeu-se da confluência de duas culturas – a da erudição, representada pela história narrada por Dona Benta sobre o pingo d’água, e a popular, com os conhecimentos que trazia sobre a floresta e seus habitantes. Essa representação vai ao encontro dos projetos do autor, de nação integrada, autêntica e, por isso, idealizada.

4 DO REGIONALISMO AO NACIONALISMO

Ao falar sobre sua região, Lobato fala sobre o Brasil. Isso porque, como afirma Carvalhal (1997, p. 41, grifo nosso), “[...] regionalismo e nacionalismo, **enquanto busca de autenticidade de na expressão** identificam.” Essa busca, no entanto, não se restringe à obra aqui pormenorizada, que aqui serve a título de exemplificação. Conforme Lajolo e Zilberman (2007, p.56), “[...]está corporificado no

5 A I Guerra Mundial havia acabado recentemente (11 de novembro de 1918). O “inquérito” sobre o Saci foi produzido durante a vigência da guerra. Nas palavras de Lobato, “Começara mal o ano de 1917. A carniçaria européia, no apogeu, refletia para cá [...] a selvageria dos motos mais civilizados de matar em grande. [...] Foi quando surgiu o Saci. [...] Por várias semanas alvorotaste meio mundo [...] e desviaste nossa atenção para quadro mais ameno que o trucidar dos povos.” (LOBATO, 2008, p. 27).

sítio um projeto estético envolvendo a literatura infantil e uma aspiração política envolvendo o Brasil.” Trata-se, portanto, de um desejo de construir uma grande metáfora do Brasil idealizado por Lobato. Essa metáfora é concretizada tanto através da linguagem empregada – que rejeitava os cânones gramaticais – quanto da interpolação de elementos que caracterizam a cultura internacional – seja ela clássica ou proveniente da indústria cultural que lhe era contemporânea. Segundo as autoras:

Todos esses aspectos assinalam e, simultaneamente, justificam a porosidade do sítio que, por decorrência, absorve o que o mundo atual criou de mais interessante e digno de ser incorporado. Este é o sentido da modernidade nessa obra, que concilia o nacionalismo com o desejo de equiparação do sítio (leia-se: Nação) com as grandes potências ocidentais. (*Op. cit.*, p.58)

Essa intenção de equiparação, ou até mesmo de superação, pode ser vista em *Memórias de Emília*, no trecho do diálogo entre Alice e Narizinho, no qual a neta de Dona Benta declara que não trocaria o sítio “[...] nem pela Califórnia, que é um paraíso” (LOBATO, 2007, p. 38). E complementa: “Olhe, Alice, se você passar dois dias aqui conosco, juro que não quer saber mais da Inglaterra”. O caráter idílico e paradisíaco do Sítio eleva-o a ponto de não poder ser comparado a nenhum outro lugar. Em *O Saci*, a idealização é percebida nas descrições do sítio e da exuberante floresta. Essa dimensão utópica é reforçada ao se levar em consideração algumas particularidades, como, por exemplo, os fatos de ninguém envelhecer ou adoecer, de haver fartura – representada pelos quitutes de Tia Nastácia – e de Dona Benta respeitar e acolher opiniões divergentes. As palavras de Zilberman (2005, p. 29) destacam essa visão:

O sítio é uma espécie de paraíso, mas um paraíso muito especial: em primeiro lugar, porque, se tem proprietária, não existe um dono, nem se verifica o exercício do poder autoritário. Não há dominadores, o que se encontra até no Jardim do Éden. Ali podem aparecer vilões, mas eles jamais levam a melhor, e isso é outro ponto a favor do sítio, se comparado com outros espaços ideais, imaginados pela raça humana.

A idealização do Sítio aponta para a idealização do Brasil, como prossegue Zilberman:

Por último, mas não menos importante: o sítio é brasileiro, como se fosse uma representação idealizada de nossa pátria. Em outras palavras, é o Brasil conforme o desejo de Lobato, um Brasil sonhado, mas sempre um Brasil. (*op. cit.*, p. 29 e 30).

A representação da pátria idealizada, nas obras de Lobato, é marcada fortemente por uma necessidade de modernização. Leyla Perrone Moisés (2007) também menciona o engajamento de Lobato em um projeto de modernizar o país, rejeitando certas influências europeias, especialmente as de origem francesa. A autora cita as palavras do escritor:

Formamos, os escritores, uma elite inteiramente divorciada da terra, pelo gosto literário, pelas idéias e pela língua. Somos um grupo de franceses que escrevem em português. [...] De que maravilhosas coisas não seria capaz o brasileiro se não fincasse no domínio do pastiche o inibitório terror à mofa escarminha do francês. O que nos mata é o francês. Essa obsessão leva uma sociedade que se diz culta a atitudes ridículas, a macaquices inacreditáveis. (LOBATO *apud* MOISÉS, 2007, p. 75)

Essa ojeriza à imitação também é aludida na obra *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*. No epílogo da obra, Lobato afirma que esse inquérito significa mais do que parece à primeira vista, no sentido de que aponta para o caminho onde buscar a compreensão do Brasil e dos brasileiros, sendo, para isso, necessário um aprofundamento ao qual não estamos acostumados. Nas palavras do autor, não há, em nossas terras, o hábito de pensar, de criar: a Europa serve-nos de modelo. Estamos continuamente a copiar, e a copiar mal, em todas as áreas, plágio autorizado em sistema de governo e de educação. Cita, então, a figura do Jeca Tatu, que “[...] macula com uma nota de originalidade a obra maravilhosa do plágio. [...] Jeca é a única afirmação de individualidade não laivada de ridicularias que possuímos” (LOBATO, 2008, p. 373). Quanto ao Saci, o autor afirma que se trata de uma amostra reveladora da alma desta terra. Questiona-se, entretanto, sobre a validade de tê-lo chamado à cidade e

se os habitantes da urbe entenderam suas intenções. Conclui que nada entenderam, olhos fixos aos figurinos. Ironicamente, finaliza, representando a “macaquice” de padrões europeus e o desprezo à figura do Saci e, por extensão, às peculiaridades nacionais por meio do seguinte diálogo (idem, p, 376):

- Que lindo! Usa-se o colarinho assim, assim. A poesia, vês?, usa-se simbólica. As botinas devem ter peito de lã cinzenta. E que lindo este novo psicologismo no romance! Ah! Gourmont, Gourmont!, como previste bem esta nossa atual atitude mental!

- Mas o Saci...

- Pff!, regionalismo...

A interjeição “Pff” demonstra não só o desprezo à figura do Saci, mas o estende ao regionalismo. Não que o autor defendesse um projeto regionalista em si, *gratia sui*, mas, como se viu na análise de *O Saci*, é o caminho que encontra para chegar ao nacional. Além disso, o escritor não se filiava a modelos, a *ismos* quaisquer. Em carta destinada a Rangel, datada de 1916, também explica por que não se aliou às tendências nacionalistas de sua época, como se lê no seguinte excerto:

Minha ojeriza contra o “patriotismo” e o “nacionalismo” que o Nogueira, o Bilac, o Sura e outros andam a lançar vem duma coisa orgânica em mim: o “Amicus Plato sed magis amica veritas”. Ponho sempre a verdade no topo – e não há verdade possível em nada visto através de óculos desnaturadores de qualquer apaixonamento – seja patrotismo, nacionalismo, hermismo, civilismo, etc. Tudo isso não passa de políticas partidárias, de que os filósofos naturalmente se afastam. (LOBATO, 1959, p.80)

Nota-se, nos três excertos anteriores, o repúdio à imitação dos padrões franceses e o desejo de se criar uma identidade nacional avessa às “macaquices”, ao partidarismo e às paixões. Essa idéia é sublinhada nas palavras de Yunes (1983, p. 51):

[...] sua concepção de nacionalismo recusava os modelos europeus, os “ismos”, cuja série social paralela era diversa da experiência vivida no Brasil na segunda década, ao menos em sua perspectiva regionalista. O projeto lobatiano era a construção da nacionalidade, em oposição ao espírito demolidor das “artes importadas”.

Ao contrário do que se pode concluir a partir do excerto, o nacionalismo que perpassa as suas obras não repudiava o estrangeiro, “pois não se queria isolar o Brasil da humanidade, o que seria um disparate, nem se poderia negar a dívida de civilização ao estrangeiro” (PONDÉ, 1983, p. 112). A divergência de Lobato advinha do fato de que o Brasil estava vivendo um momento histórico e social muito diferente da *belle époque* européia, a qual se configurava terreno fértil para o surgimento dos demolidores movimentos de vanguarda. Seu objetivo era “tirar o atraso brasileiro, a partir das nossas potencialidades culturais e econômicas” (YUNES, 1983, p. 51). As palavras do próprio Lobato (1959, p. 31) retratam sua visão de um Brasil vitimado pelo atraso:

O Brasil ainda é uma horta, Rangel, e em horta, o que se quer são cebolas e cebolórios, coentros e couves tronchudas, tomates e nabo branco chato francês. Não somos ainda uma nação, uma nacionalidade. As enciclopédias francesas começam o artigo Brasil assim: “Une vaste contrée...” Não somos país, somos uma região. O que há a fazer aqui é ganhar dinheiro e cada um viva como lhe apraz aos instintos.

Mesmo que se note, no excerto acima, certo desânimo e descrença no país, sentimentos originados pela indignação do autor em relação à falta de prestígio e de incentivo aos escritores, sua produção literária comprova que tal estado de ânimo tratou-se de um arroubo passageiro após a triste constatação de atraso. Para que seu projeto de modernização e seu esforço de brasilidade fossem concretizados, segundo Pondé:

Na sua literatura infantil, Lobato procura dar ambiência brasileira aos contos de fadas, através do sítio do Pica-Pau Amarelo. Mergulha na tradição popular oral, inspirando-se em mitos e imagens de recorrência que fazem parte da tradição oral de todos os povos; daí sua obra infantil ser ao mesmo tempo regional e universal. [...] No folclore, fascina-se com o Saci-pererê. Ainda traduz, recria e adapta os grandes clássicos da literatura infantil. (PONDÉ, 1983, p.113)

As palavras de Pondé apontam para o já mencionado caráter agregador, poroso que é dado ao sítio, metaforizado o projeto lobatiano de brasilidade. Na literatura infantil, o autor encontra um instrumento de afirmação dessa nacionalidade, como uma maneira de dar a conhecer o país, de cristalizar as histórias da tradição oral, como forma de enraizar traços de identidade, se não nacionais, pelo menos regionais.

De acordo com Hall (2006, p. 48, grifo do autor), “As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”, a qual encontra na literatura o seu espaço por excelência. Ainda sobre a relação entre o conceito de nação e o de representação, o autor diz que:

[...] não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *idéia* de nação tal como representada em sua cultura nacional (2006, p. 49, grifo do autor).

A partir das palavras de Hall, entende-se que nação não é um conceito dado, mas construído por uma coletividade. Essa característica aponta para o caráter subjetivo, volátil, fluido de tal conceito, uma vez que os resultados dessa construção podem diferenciar-se de acordo com o contexto sociocultural ou até mesmo sofrer variações idiossincráticas. Já Moisés (2007) afirma, citando Mário de Andrade, que não é possível nem mesmo usar a palavra “identidade” no contexto de nação, mas de “entidade”, como se vê no excerto a seguir:

Atente-se para a expressão “entidade nacional”, sabiamente utilizada pelo autor em vez da expressão “identidade nacional”, que se tornaria corrente e insistente na ensaística brasileira a partir do modernismo. “Entidade”, na linguagem filosófica, é “um objeto concreto, mas que não tem unidade ou identidade materiais”. (MOISÉS, 2007, p. 191)

A união de diversidades, se estendidas ao plano das diferenças entre as regiões, constituiria no que Mário de Andrade desejava para sua obra Macunaíma: “[...]incluir em seu livro todo o espaço brasileiro, mas sem obedecer à topografia, fundindo, pelo contrário, as regiões, transformando essa vasta superfície, com suas enormes diferenças geológicas, climáticas e culturais num único *espaço mental brasileiro*” (MOISÉS, 2007, p. 193).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez, aos olhos de muitos, os projetos de Mário de Andrade - unindo diversidades para mapear o espaço mental brasileiro - ou o de Lobato - delineando, nas suas obras destinadas ao público infantil e juvenil, seu ideal de nação – pareçam inatingíveis, imaturos, e, no contexto atual, totalmente anacrônicos, tendo em vista as tendências globalizantes. Embora não se deva, de todo, recriar tais considerações acerca dos autores, há teóricos que apontam para a valorização de expressões regionais como forma de manter as origens, não perdendo as referências em um mundo de atitudes, gostos e rostos cada vez mais padronizados.

Como afirma Ianni (2007, p. 111), em tempos de globalização do capitalismo neoliberal, não é sem razão que se acirram os debates sobre a questão nacional. Enfraquecidas as fronteiras, apagando-se os contornos das culturas, a crise identitária agrava-se quando se descobre que também a nação é um produto histórico europeu, cujo modelo foi exportado pelo imperialismo europeu e norte-americano. Na lógica desse sistema, a nação, enquanto processo histórico, (trans)forma-se de modo contraditório, nem sempre contemplando todos os setores e grupos, o que resulta em tensões, estereótipos, preconceitos, intolerâncias. Assim como na época de Lobato, às vezes não se tolera o que é seu: seu vizinho, seus antepassados, sua raiz, seu jeito – sem macaquices – peculiar de ser, de falar,

de entonar vogais e consoantes. Segundo afirma o escritor:

Tem um ideal: civilizar a ‘outra’, porque a outra o envergonha.[...] – Horror, meu Deus! Que dirá Mr. Paul se lhe dá na telha sair da avenida e penetrar nesse indecoroso sertão e lá enxergar homens cor de telha lavrando a terra sem pulseiras de relógio nas munhecas, bebendo cachaça em vez de *chartreuse*, lendo no livro da Natureza em vez de ler no Binóculo. (LOBATO, 2008, p. 369)

Essa “outra” aludida no excerto anterior não é aquela a que se destina a grande mídia globalizada, não é aquela que pode usufruir dos avanços das ciências. “A “globalização pelo alto”, isto é, sem estender aos menos favorecidos economicamente os benefícios tecnológicos desse processo, nem sempre é percebida por todos os afortunados participantes da excludente e ilusória “aldeia global”. Conforme Ianni (2007), a globalização das mídias, aliada ao consumismo e à cultura de massa, resulta no recobrimento das realidades nacionais, povoando o imaginário e modificando as relações. As forças sociais ficam sem identificação com a nação, mas com outros países mais poderosos, via meios de comunicação de massa. Além disso, a sociedade civil e o estado nacional são transformados em províncias da economia global, o que desemboca em mudança de significado dos movimentos sociais, das correntes de opinião pública, dos partidos políticos, o que torna o projeto nacional problemático, difícil.

Nesse panorama, uma das poucas soluções que se descortinam para que se construa uma identidade – seja ela individual ou nacional – passa pelo regionalismo como forma de resistência, conforme já apontava, visionário, Monteiro Lobato em 1917. Passados quase cem anos, teóricos como Ianni afirmam que o regionalismo pode vir a fortalecer a nação e é forma indispensável de mediação entre o nacionalismo e o globalismo. Por outro lado, de acordo com o que afirma Moisés (2007, p. 27), embora não se possa esquecer de nossas origens sob pena de perder a identidade e a riqueza cultural, não se deve “[...] reduzir nossa identidade ao que nos restou dos índios ou ao que nos trouxeram os africanos [...]”, pois se trata de “[...] uma regressão, que pode nos levar a um racismo às avessas”.

Como sempre, a virtude está na média. E a média pode estar no exemplo de Lobato. Como se viu no exemplo de *O Saci*, obra integrava diferentes manifestações que constituem não só a região focalizada, mas, por extensão, a nação. Lobato não recusava as culturas estrangeiras – ao contrário: incorporava-as ao sítio, e o sítio era incorporado, encampado por elas. Da região para nação, Lobato parecia intuir a lição que deixa Moisés (2007, p. 25):

O que devemos recusar da Europa e dos Estados Unidos não são suas culturas, mas a imagem que eles querem ter da nossa: aquela imagem folclórica, o espetáculo de uma pobreza pitoresca para ser visitada por turistas, ou de um ‘real maravilhoso’ que só é maravilhoso para quem não vive sempre nele.

Assim, o regionalismo pitoresco tosco, que representa o Brasil como *locus amenus*, das “cidades maravilhosas” encrustradas no meio de misteriosas selvas não é o que interessa ao projeto de nação – nem de Lobato, nem de qualquer pessoa bem intencionada. As expressões de regionalidades que interessam são aquelas que levam à compreensão do país na sua multiplicidade e na sua autenticidade. O Saci, neste contexto, assim como o foi em relação à I Guerra, surge como contraponto às nações ditas civilizadas e adiantadas, que servem de modelo às elites, e como forma de despertar “[...] consciências adormecidas ao enfocar um símbolo da resistência, mais autêntica expressão da alma de nossa gente.” (CAMARGOS *apud* LOBATO, 2008, p. 18).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do**

- pitoresco à realização inventiva.** Revista Letras. N.o. 74. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. **O caipira paulista em tempo de modernização: Valdomiro Silveira e Monteiro Lobato.** IN: CHIAPPINI, Ligia. BRESCIANI, Maria Stella.(Orgs.) Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2002.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 3.ed.São Paulo: Cultrix, 1993.
- CAMARGO, Evandro do Carmo. **Algumas notas sobre a trajetória editorial de O Saci.** IN: LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João Luís (Orgs.) Monteiro Lobato, livro a livro. São Paulo: UNESP, 2009.
- CANDIDO, Antonio. O regionalismo como programa e critério estético: Franklin Távora. In: CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. v.2.
- CARVALHAL, Tânia Franco. O próprio e o alheio no percurso literário brasileiro. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Roberto. **Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas.** Lisboa: Cosmos, 1997.
- CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Roberto. **Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas.** Lisboa: Cosmos, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IANNI, Octávio. **A era do globalismo.** 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 101- 120
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira. História e histórias.** 6.ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre.** Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1959. tomo 2
- LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emilia.** São Paulo: Globo, 2007.
- LOBATO, José Bento Monteiro. **O Saci.** 56.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LOBATO, José Bento Monteiro. **O Saci-Pererê: resultado de um inquérito.** São Paulo: Globo, 2008.
- MOISÉS, Leyla Perrone. **Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PONDÉ, Glória Maria Fialho. A herança de Lobato. IN: ZILBERMAN, Regina. (org) **Atualidade de Monteiro Lobato. Uma revisão crítica.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.
- YUNES, Eliana. Lobato e os modernistas. IN: ZILBERMAN, Regina. (org) **Atualidade de Monteiro Lobato. Uma revisão crítica.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.